

## **Análise e representação em contextos diversos: projeto, técnica e gestão do ambiente construído**

### **A paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro e as representações do fenômeno do público**

**MAYA-MONTEIRO, Patricia M. (1)**

(1) Arquiteta e Urbanista, Doutora em Urbanismo e Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

#### **Resumo**

Hannah Arendt (1958) compara o fenômeno do público a uma mesa, que separa e ao mesmo tempo que une os que nela se sentam. Esta analogia pode ser estendida aos espaços públicos da cidade que, como mesas adequadas, coadunam escala e função à fruição do público. Nas cidades, há espaços para 'o povo'- públicos – exemplares, acessíveis, que reiteram seu papel como lugar das práticas sociais, conflituosas ou confraternizantes. Nestes, uma esfera pública - comunicativa e política - pode florescer.

Mas há, por outro lado, espaços na cidade para públicos específicos; nestes, eventos espetaculares simulam efervescentes esferas públicas democráticas, e assim validam e mesmo fomentam o consumo - de lugares e de produtos associados. Nestes casos, notamos o que Debord já anunciara: 'tudo que era vivido se torna representação' (1967:3).

Estas são questões que investigamos em alguns espaços livres públicos das áreas mais centrais do Rio de Janeiro, cidade cuja forte presença da paisagem coloca aos projetos urbanos o desafio da sua valorização como bem público. Neste contexto, há fortes contrastes entre natureza e cultura na paisagem urbana e entre distintas formas de ocupação urbana que refletem as desigualdades sociais da cidade. Neste contexto, o contato entre as diferenças que se dá através dos usos e apropriações dos espaços livres públicos é exemplo do papel paradoxal destes nas grandes metrópoles contemporâneas.

Para nossa investigação, é fundamental a noção proposta por Lefebvre (1974) de que há, na produção do espaço (social) momentos espaciais indissociáveis, dimensões que estão tanto nas práticas espaciais da cidade, nos espaços percebidos, quanto nas representações dos espaços cuja concepção é imposta, quanto nos espaços de representação que são os lugares apropriados pelas vivências urbanas significativas. A noção de momentos espaciais nos dá subsídios para uma investigação sobre a habilidade do planejamento, projeto e construção dos espaços públicos em alcançar, se compatibilizar e se engajar com a construção de representações que contribuam para a inserção de realidades sócio-espaciais mais inclusivas e sustentáveis.

**Palavras-chave:** Paisagem, representações do espaço; espaços públicos

### **Abstract**

Hannah Arendt (1958) compares the phenomenon of public to a table, which separates while divides those who sit around it. This analogy can be extended to the public spaces of the city which, as proper tables, balance scale and function for the public usage. Inside the cities, there are spaces for the 'people' – the public ones– which are models, accessible ones; and they reinforce their role as places for social practices. In them, a public sphere- communicative and e political – may flourish.

Nevertheless, there are also spaces which are for specific publics; in these, spectacular events simulate democratic public spheres, and therefore they validate and promote the consumption of products and places. In these cases, we observe what Debord already alerted us: "everything that was lived turns into a representation"(1967:3).

These are subjects we investigate in some public spaces in the more central areas of the city of Rio de Janeiro. There, the presence of landscape poses to urban design the challenge of the valorization them as public realms. In this context, there are strong contrasts between nature and culture in the city landscape, and also contrasts between distinct urban forms of occupation which reflect social inequalities. The contact between social differences which happen in the uses and appropriations od the public open spaces is an example of their paradoxical role of in the contemporary metropolises. For our investigation, a Lefebvre (1974) notion is fundamental: in the production of the

(social) spaces, there are indissociable spatial dimensions. These dimensions are the spatial practices of the city, the perceived spaces; the spatial representations which are imposed to the city; and also the representational spaces which are the appropriated places of significant urban experiences. The notion of spatial dimensions contributes to an investigation about the habilities of planning design and building public spaces. These have to seize, to articulate and to engage in the construction of representations which help the insertion of more inclusive and more sustainable socio-spatial realities.

**Key words:** Landscape, representations of the space, public spaces.

## 1 INTRODUÇÃO

A paisagem urbana congrega as experiências e representações do espaço, como face 'visível' das relações que se produzem entre a cidade e a 'natureza original', entre os espaços públicos e privados e entre os indivíduos e grupos sociais.

Reconhecemos, antes de tudo, que a configuração, os valores e significados dos espaços públicos de uma cidade estão intrinsecamente conjugados à paisagem urbana desta. Retomamos algumas temáticas empreendidas no âmbito da nossa tese de doutorado "Paisagem, Lugar e Espaço Público: presença e ausência nos espaços da cidade". Aqui, porém, redirecionamos o foco da investigação, centrada não apenas em espaços públicos específicos, mas no papel contemporâneo do conjunto de espaços públicos dotados de centralidade na cidade do Rio de Janeiro. E apresentamos aqui alguns dos resultados iniciais desta visão mais abrangente sobre o papel e o potencial latente da Arquitetura da Paisagem na cidade do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro passou por diversas fases na consolidação da sua configuração espacial, cultural e política. Nestas, os espaços públicos assumiram significados diversos na construção da paisagem urbana. Identificar, na história urbana, o papel destes espaços públicos no contexto urbano, sincrônica e diacronicamente, nos permite identificar alguns dos processos de construção da esfera pública e assim da própria idéia de cidade no Rio de Janeiro.

Antes disto, porém, explicitamos alguns conceitos essenciais para esta abordagem, que apontam desdobramentos para uma visão mais abrangente. E por fim, buscamos com este trabalho inaugurar algumas discussões sobre a necessidade premente de que novas visões da paisagem sejam incorporadas à cidade do Rio de Janeiro, contribuindo para que a produção dos seus espaços sejam os mais sustentáveis e inclusivos possíveis.

## **2 A PAISAGEM URBANA**

Uma paisagem pode ser definida não apenas como um abrangente panorama ou cenário urbano ou 'natural'; mas também como uma coleção e ação sobre a terra, o território, o '*pays*'. Cabe destacar ainda que, para o indivíduo ou coletividade, a experiência da paisagem encerra uma presença real nesta- o que inclui, aliás, outros sentidos além do visual; mas, simultaneamente, esta experiência imediata é também mediada por reproduções e memórias deste e de outros espaços.

Podemos recordar idéias seminais dos geógrafos Berque, (1995) e Cosgrove (1999); e do arquiteto paisagista Corner (1999). Respectivamente, primeiro, a idéia de que a paisagem é gênese e ampliação. Segundo, de que "Paisagem e imagem são inseparáveis. Sem imagem, não há tal coisa como uma paisagem, só um meio ambiente não mediado" (Cosgrove, 1999:153). E por fim, o reconhecimento de que paisagem é construção e constructo- interpretação. Porém, há que se destacar a indissociabilidade entre estas distinções; entre a construção, materialidade, experiência presente na paisagem em contraste com as representações *in situ* ou *in visu*. E, ultrapassando o caráter meramente visual da paisagem, os sentidos presentes em contraste com as memórias e as diversas categorias de representação- discursivas, visuais, ou auditivas também são indissociáveis na experiência da paisagem. Para a compreensão de uma paisagem, rejeitamos assim, como o antropólogo Ingold "a divisão entre o mundo interior e o exterior- respectivamente da mente e da matéria, sentido e substância"(2000:191).

Para nós, esta indissociabilidade também se reflete na idéia de que "as análises e intervenções sobre a paisagem devem ir além de oposições entre natureza e paisagem, ou entre paisagem e cultura" (Maya-Monteiro, 2008:).

Portanto, estudar a paisagem é para nós reconhecer, sincrônica e diacronicamente, a paisagem como um sítio original, uma natureza, experiência sensorial, dispositivo visual, construção e cultura. E, inclusive, num aspecto menos comumente considerado, também reconhecer a paisagem como habitat, "um ambiente ocupado, cujos efeitos e significância também advêm através do palpável, do uso, do engajamento ao longo do tempo"(Corner, 1999:158).

É neste sentido que, para estudar o fenômeno do público que se desenvolve nos espaços públicos de uma cidade, congregamos a noção de paisagem. Retomamos a Ingold, que afirma que:

*"Um lugar na paisagem não é recortado fora do todo, nem no plano das idéias nem naquele da substância material. Inversamente, cada lugar incorpora o todo em um nexo particular no interior dele mesmo, e neste aspecto é diferente de todos os outros". (2000, p. 192).*

Portanto, estudar uma paisagem específica, situada, significa incorporar o todo do território, e ainda assim destacar a sua individualidade dos lugares da cidade. Além disto, a noção de que há uma 'paisagem urbana' é antes de tudo, a consciência de que há um amálgama de relações entre as experiências imediatas e mediadas, entre 'natureza' e cultura, entre a cidade e a 'natureza'. E esta consciência busca ultrapassar as dicotomias eventualmente necessárias para uma compreensão inicial da paisagem.

### **3 O FENÔMENO DO PÚBLICO**

Hannah Arendt (1958) compara o fenômeno do público a uma mesa, que separa e ao mesmo tempo une os que nela se sentam. Esta analogia pode ser estendida aos espaços públicos da cidade que, como mesas adequadas, coadunam escala e função à fruição do público. Nas cidades, há espaços para 'o povo'- públicos – exemplares, acessíveis, que reiteram seu papel como lugar das práticas sociais, conflituosas ou confraternizantes. Nestes, esferas públicas - comunicativas e políticas - podem florescer.

O espaço público é um espaço social, uma representação da sociedade. Como nos diz Lefebvre, "Cada sociedade produz um espaço, o seu" (1974:40).

No estudo das cidades, ao reconhecemos a especificidade dos seus espaços, e o papel dos tempos da história e da memória urbanas na sua configuração e apropriação, estamos reiterando a evidência também apontada por Lefebvre, de que: " O espaço (social) é um produto (social) (1974:35).

Um espaço público é um espaço social; no entanto, nem todo espaço social seja um espaço público. Há espaços que atendem a alguns grupos sociais, mas que não garantem a sua publicidade, acessibilidade, divulgação e visibilidade. No entanto, os espaços propriamente públicos são comuns, acessíveis, visíveis e divulgáveis.

Na cidade, o modo como os espaços são forjados, executados, permitidos, ou mantidos decorre das relações de poder que nela se desenvolvem. Estas relações não apenas são mutáveis, o espaço produzido a partir delas é definido por vários agentes.

O espaço é do povo ou um espaço público (etimologicamente o mesmo sentido original); ou do Poder Público que o representa (de um modo ou de outro, seja democraticamente instituído como tal, seja imposto). Há ainda os espaços 'do público', o público como substantivo, como 'um' público específico que compreendemos que se forma quando pessoas e grupos sociais se constituem como uma platéia, uma audiência, como observadores de um espetáculo - o que se distancia do sentido original de público.

No mundo de hoje, mais do que nunca a esfera pública se confunde com a esfera social, e se mescla à privada. Mesmo considerando o potencial dos usos e apropriações em transformar os espaços públicos das cidades, temos que lembrar que sua configuração inicial se deve primordialmente ao Poder Público, e de sua eficiência, senso de justiça e capacidade representativa depende a qualidade dos espaços – sua adequação ética e estética às demandas e potencialidades da cidade.

#### **4 REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO**

Para esta investigação dos processos de produção da cidade, é fundamental a noção proposta por Lefebvre (1974) de que há, na produção do espaço (social) momentos espaciais indissociáveis, dimensões que estão tanto: (1) nas práticas espaciais da cidade, os modos como são construídos e percebidos os espaços; quanto (2) nas representações dos espaços, os espaços concebidos pelos projetos e pela ordem proposta pelo Poder

Público; quanto (3) nos espaços de representação que são os lugares apropriados pelo imaginário e pelas vivências urbanas significativas.

Especialmente porque, neste trabalho, investigamos os espaços públicos construídos na cidade como símbolos – da civilização, da natureza sublime, do poder divino, da centralidade política, de cada poder instituído no país, da relevância cultural, do lazer-prazer e da cordialidade. Neste processo, que se desenvolveu por mais dois séculos, do início da execução do Passeio Público aos dias de hoje, vemos algumas das relações surgidas entre as representações do espaço e os espaços de representação da cidade.

E buscamos contrapor estes aos usos intensivos que hoje são efetuados sobre os mesmos suportes existentes, em que os espaços centrais são tratados como espaços do público.

Hoje, há espaços na cidade que são utilizados para públicos específicos; nestes, eventos espetaculares simulam efervescentes esferas públicas democráticas, e assim validam e mesmo fomentam o consumo - de lugares e de produtos associados. Nestes casos, notamos o que Debord já anunciara: 'tudo que era vivido se torna representação' (1967:3).

Berque comenta como a noção de paisagem urbana só surge quando " os cidadãos, que estavam mergulhados na cidade, não puderam tomar consciência de sua paisagem até que ela cessou, no século XX, de corresponder ao esquema que a fundou como tal" (1995:140). Ele comenta que não isto se dá do mesmo modo como os grupos sociais mergulhados na floresta virgem não tinha a noção de espaço selvagem, ou como os recentes camponeses não tinham a noção de paisagem.

Aqui, argumentamos que nem sempre são percebidas as desvantagens da privatização dos espaços públicos, da gentrificação dos espaços privados, e mesmo da supressão de espaços privados coletivos, e da utilização predatória dos espaços públicos de grandes dimensões. Porém, em algumas situações na cidade do Rio de Janeiro isto já está claramente apontado. A necessidade de novos códigos de uso dos espaços públicos, de novos espaços públicos que atendam à escala metropolitana, e que representem novas centralidades locais e mesmo globais. Os grandes eventos são o desafio e a



oportunidade para que reflexões e projetos que insiram estratégias mais sustentáveis e inclusivas sejam implementadas.

## **5 OS ESPAÇOS PÚBLICOS DO RIO DE JANEIRO EM CINCO TEMPOS**

Do século XVIII ao século XX, espaços públicos relevantes foram inseridos na cidade do Rio de Janeiro como parte de uma estratégia de construção de sua imagem.

Aqui, recuperamos alguns aspectos do trabalho de Sisson (2008) sobre os sucessivos deslocamentos de centros cívicos- religiosos- políticos- culturais no interior do centro da cidade do Rio de Janeiro. Ela destaca a inserção de edifícios públicos na construção destas centralidades. E articula o seu desenho. E nós pontuamos o carácter da arquitetura paisagística que definiu estes espaços.

Além disto, reconhecemos que, do ponto de vista espaços públicos com a função de lazer constituem propostas de construção da cidade do Rio de Janeiro. E que, recentemente, a inserção de espaços públicos não responde à demanda de qualidade e distribuição destes espaços na cidade.

Como a cidade cambiou de espaços públicos simbolicamente fortes e estruturados por caminhos e objetos arquitetônicos para a inação e dispersão de espaços. Podem ser citados: 1- Praça XV, 2- Campo de Sant'Anna, 3- Cinelândia, 4- Parque do Flamengo, 5- O Parque Tom Jobim e 6- Rio Cidade.

Dentre os espaços públicos do Rio de Janeiro revisitados como espetáculo, temos Parque do Flamengo, Parque Tom Jobim e Praia de Botafogo.

Simbolicamente, a cidade ainda retém centralidade local, nacional e global, e está na iminência de eventos que reforçam esta constatação- a Copa do Mundo e as Olimpíadas que nela se realizarão.

## **6 REFERÊNCIAS**

ARENDR, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 10a ed., 2004.



BERQUE, Augustin. **Les raisons du paysage**. Paris: Éditions Chazzan.

CORNER, James. 1999. "Introduction: Recovering Landscape as a Critical Cultural Practice." In: CORNER, James (ed.). 1999-1. **Recovering Landscape: essays in contemporary landscape architecture**. New York: Princeton Architectural Press, 1999, pp. 1-25.

COSGROVE, Denis. 1999. "Liminal Geometry and Elemental Landscape: Construction and Representation." In: CORNER, James (ed.). 1999. **Recovering Landscape: essays in contemporary landscape architecture**. New York: Princeton Architectural Press, 1999, pp. 102-119.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1ª ed. 1997.

DOURADO, Guilherme Mazza (org.). **Visões de paisagem: um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil**. São Paulo: ABAP, 1997.

FARAH, Ivete; SCHLEE, Monica; TARDIN, Raquel (orgs.). **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. editora Senac. São Paulo, 2010.

INGOLD, Tim. 2000. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. New York : Routledge, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **La Production de l'Espace**. Paris: Éditions Anthropos, 3eme édition, 1986.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

MAYA-MONTEIRO, Patricia. "A paisagem como lugar: o perfil das montanhas do Rio de Janeiro". In: **Paisagens Culturais. Interfaces entre Tempo e Espaço na Construção da Paisagem Sul-Americana**. Rio de Janeiro : Ed. EBA Publicações, 2008, v.2, p. 37-56.

MAYA-MONTEIRO, Patricia. **Paisagem, Lugar e Espaço Público: presença e ausência nos espaços da cidade**. Rio de Janeiro, 2008. 380f. Tese (doutorado). PROURB/ FAU/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SEGAWA, Hugo. **Ao Amor do Público: Jardins do Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 1996.

SISSON, Rachel. **Espaço e poder - Os três centros do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Arco Produções, 2008.